

Depois da enchente, Estado mostra sinais de recuperação, mas também fragilidades

Com sinais de recuperação, mas ainda fragilizado

Depois da enchente

PRA CIMA, RIO GRANDE

Indicadores positivos de emprego, renda, arrecadação, comércio e indústria modelam um cenário de retomada da normalidade na atividade produtiva do Estado e direcionam atenções para fatores capazes de garantir crescimento mais sustentável da economia gaúcha ao longo do tempo

Rafael Vigna
rafael.vigna@zerohora.com.br

Três meses após a cheia que afetou, em maior ou menor proporção, 471 dos 497 municípios do RS, surgem os primeiros sinais de que a economia possa estar de volta à normalidade. Indicadores positivos de emprego, renda, arrecadação, comércio e indústria tiram o foco do passado e voltam a direcionar as atenções para fatores capazes de garantir crescimentos mais sustentáveis para a atividade local ao longo do tempo.

Quatro sinais de alento no RS

1 | MERCADO DE TRABALHO

Após dois meses com mais demissões do que admissões no mercado formal, saldo voltou a ficar no positivo em julho. As 6.690 vagas ainda são insuficientes para repor a totalidade dos 30.574 postos destruídos pela enchente, entre maio e junho, mas demarcam a reversão da trajetória de baixa.

O economista e professor da UFRGS Marcelo Portugal afirma que "boa parte do problema de maio foi superado e o calcanhar de Aquiles da economia gaúcha continua sendo o setor de serviços". É neste setor, bastante concentrado em regiões muito atingidas, como a Metropolitana e a Serra, que estão 42% das 2,8 milhões das vagas de emprego formais ativas, hoje, no RS. Também é o segmento em que se consolidam os principais impactos negativos das baixas associadas ao turismo, ainda prejudicado em razão do fechamento do aeroporto Salgado Filho.

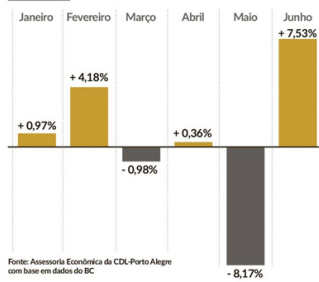
– É uma tragédia pessoal sem tamanho para quem perdeu tudo, mas, do ponto de vista macroeconômico, talvez a tenhamos superestimado. Quando olhamos para o Estado como um todo, levando em consideração que a agricultura vai ter um ano razoável, comparado com um ano péssimo, teremos crescimento – analisa Portugal.

Ajuste em curso

Sem questionar a legitimidade, a urgência e a necessidade dos programas de tragédia de renda e a antecipação de benefícios implantados a partir de maio, o economista lembra que a lógica de mercado determina que aquilo que deixou de ser

Trajetória em V

Desempenho do nível de atividade econômica do RS em relação ao mês imediatamente anterior mostra o impacto da cheia em maio e a reação em junho



Fonte: Assessoria Econômica da CDL-Porto Alegre com base em dados do BC

produzido ou vendido por alguma empresa danificada pela água ou será por outra em condições de fazê-lo em maior escala. Esse movimento norteado pelo choque de demanda, reforça Portugal, não anula os problemas individuais e empresariais. Em contrapartida, é responsável por promover um ajuste natural no desempenho macroeconômico em curso.

Assim, apesar da cheia, o avanço do Produto Interno Bruto (PIB) gaúcho, fixado por ele inicialmente em 3,4%, foi revisado e ainda deverá fechar 2024 no campo positivo: em 2,5%, segundo modelos do professor da UFRGS.

Desafios

O ex-secretário estadual da Fazenda Aod Cunha percebe que o Estado mostra recuperação de parte do que se perdeu com a tragédia de maio. Ao avaliar que alguns indicadores estão vinculados ao fluxo de dinheiro novo injetado na economia por

programas de governo, alerta que a continuidade dessa evolução depende, agora, menos de medidas emergenciais e mais de avanços em aspectos estruturais da economia e que permanecem por décadas sem resolução.

O principal é o tema da irrigação. Em 2024, mesmo com a cheia, o PIB do Estado deverá ser positivo. O que não ocorre em anos marcados pela estiagem. Foi o que ocorreu em 2022, quando a economia brasileira cresceu 2,9% e a do RS recuou 5,1%.

– Se enfrentarmos desafios que já tínhamos antes, podemos aproveitar esse evento da tragédia para unir a sociedade, os governos, e começarmos, de fato, a fazer com que depois dessa recuperação tenhamos uma trajetória melhor – explica ele, ao chamar atenção para três vertentes essenciais a serem mais bem exploradas: transição energética, tecnologia e armazenagem de água. —

O olhar da indústria, da agricultura e de comércio e serviços

CLAUDIO BIER
Presidente da Federação das Indústrias do RS

• “O crescimento da indústria reflete fatores conjunturais, como a base de comparação baixa dos anos anteriores e a retomada de segmentos específicos. No entanto, a atividade continua abaixo dos níveis de 2022. Além disso, os fatores que colaboraram para esse aumento da atividade não se repetirão nos próximos anos. Para um crescimento estrutural e sustentável, é essencial enfrentar desafios de longo prazo, como a melhoria da competitividade, o estímulo à inovação, a retenção de talentos.”

LUIZ CARLOS BOHN
Presidente da Fecomércio-RS

• “Há retomada pela necessidade de não ficar na espera. A maioria dos nossos representados não consegue voltar e muitos trabalhadores ainda não conseguiram retomar o seu trabalho. Não podemos atribuir o retorno à injeção de recursos externos, pois estão sendo insuficientes. Muitos estão fazendo o investimento necessário, neste momento, contraindo dívidas ou gastando suas reservas, um capital que vai fazer falta lá adiante.”

ANTÔNIO DA LUZ
Economista-chefe da Federação da Agricultura

• Por pior que tenha sido (a cheia), e foi horrível, mas a seca de 2023 foi muito mais prejudicial para o setor. Cada grão que deixa de ser colhido é um grão que não vai virar ração, nem proteína animal, tampouco exportado. O efeito é muito elevado. A ausência dessa produção é penosa. Mas estamos comparando um ano de base ruim com um ano de base horrível. Só a passagem do horrível para o ruim já tem um efeito positivo, tanto que o PIB do RS cresce esse ano, apesar da enchente.”

CONEXÃO DIGITAL
O desempenho do PIB do Brasil no segundo trimestre



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Notícias ZH Página: 13